

Autopeças: as expectativas para 84.

O crescimento das vendas da indústria brasileira de autopeças, no próximo ano, estará condicionado especialmente ao resultado das exportações e do mercado de reposição. Este ano, segundo revelou o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipecas), Pedro Eberhardt, ao fazer um balanço do desempenho do setor em 1983, houve um crescimento de 6,9% em volume de faturamento real sobre o ano passado.

Mas, segundo ele, as vendas para a indústria automobilística brasileira, que representam 57% do mercado total do setor, permanecerão em 84 nos mesmos níveis deste ano ou terão, no máximo, uma pequena expansão. O crescimento de 6,9% é o resultado da média de expansão dos mercados de reposição (10,9%), de exportações (5,9%), da indústria terminal (5,2%) e de outros setores, a exemplo de eletrônico, componentes de máquinas e armamentos (4,8%).

Eberhardt enfatizou que o setor concentrará todo seu esforço nas exportações, onde se espera uma ampliação de vendas superior a 20%. "Neste ano, tivemos um faturamento de 701 milhões de dólares em vendas externas diretas e indiretas (peças integradas aos veículos), sendo 211 milhões pelo primeiro sistema."

A confiança numa expansão do mercado exterior está relacionada com o trabalho desenvolvido pela Associação Brasileira da Indústria de Autopeças — Abipeças —, vinculada à entidade e que foi criada este ano. "Temos seis tradings credenciadas a realizar negócios, para o setor onde a maioria (80% dos aproximadamente 500 associados) é formada por pequenas e médias empresas. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se um trabalho de orientação sobre o mercado internacional. Já está programada, por exemplo, uma viagem de um grupo de empregados para contatos nos Estados Unidos, tanto com indústria como com atacadistas do mercado de reposição. O pedido de um atacadista, lá, pode representar o total de exportações para a América Latina, em um ano", exemplificou.

Apesar do resultado positivo, o presidente do Sindipecas considerou que o desempenho do setor ficou abaixo do esperado em 83. "A conjuntura econômica geral nos tem afetado de forma dramática, levando a maioria das empresas a um ponto de estrangulamento, descapitalizando-as, com alto índice de endividamento, carência de crédito e baixa rentabilidade. Em ritmo de desenvolvimento normal, teríamos uma expansão de, no mínimo, 10%."

Pedro Eberhardt considera que o próximo ano é decisivo. "O fôlego está acabando devido à baixa liquidez e risco de insolvência. O maior perigo, porém, é de queda de investimentos que comprometa a modernização do nosso parque industrial. Acho que temos poucos investimentos, porque existe incerteza diante do quadro econômico. A inflação, a meu ver, não será menor do que 120%", frisou.

Se o crescimento esperado para as exportações e para o mercado de reposição for alcançado, Eberhardt prevê que o setor voltará a empregar um efetivo maior do que o registrado em 82, com 219.500 trabalhadores.